

LITERATURA DE VIAGEM – A PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO NA “ÁFRICA”

Aluna: Joice de Souza Santos
Orientadora: Flavia Maria Schlee Eyler

Introdução

A leitura da *Peregrinação* [1] enquanto fonte historiográfica nos permite analisar de que modo a construção retórica era utilizada para dizer o “outro” e, principalmente, como um homem iletrado se apropriava destas técnicas para tornar a sua narrativa verossímil. O relato de Fernão Mendes Pinto, homem comum, nos permite identificar os usos e costumes veiculados pela tradição. Por outro lado, a riqueza do relato está no entrelaçamento dos campos, mais tarde separados, da história e da ficção.

Objetivos

Ao analisar a *Peregrinação* tivemos que, em primeiro lugar, contextualizar a sua obra no quadro português dos séculos XV e XVI e identificar o processo de desencantamento do mundo [2] que está ocorrendo na Europa.

Desencantar o mundo significava esvaziar toda explicação de seu conteúdo mágico religioso, era assumir uma autonomia (econômica, social e política) em relação ao divino. Isto não significava uma mudança de religião ou ateísmo e sim uma multiplicidade de interpretações sem que nenhuma se sobrepusesse às outras.

O homem descobria seu livre arbítrio. Por ser imagem e semelhança de Deus, era criatura e criador. Assim, como diz Lorenzo Valla, o homem deveria procurar a liberdade e a virtude nos conflitos existentes, para que pudesse se formar e desenvolver a si próprio. Esta autonomia dava ao homem possibilidades de superar expectativas e ir mais longe, e este era um dos pressupostos que permitiu ao homem de 1492, descobrir um novo mundo e modificar, ainda mais, sua relação com o imanente e com o transcendente.

Neste período, a idéia de mundo era de natureza cristã, isto é, um mundo hierarquizado, finito (representado em torno do Nilo e do Mediterrâneo) e fechado (representado esféricamente). O Novo Mundo era um espaço de contato com o outro, sem nome e sem história, mitificado e que preservava as origens do próprio mundo.

Contudo, as viagens possuíam além de um cunho religioso, um sentido econômico: o desejo de lucro ou enriquecimento de uma monarquia centralizada. Isto demonstra a ambigüidade deste homem que vivia em um período de transição do mundo medieval, profundamente religioso, para o “moderno”, voltado para o imanente, para o estar no mundo, demonstrando toda a ganância, desejo, ambição e falibilidade do homem.

Em razão do contato com uma realidade ignota, a conquista e ocupação das novas terras será um campo ímpar para a experiência de desencantamento e intervenção direta do homem no meio.

O Novo Mundo não se adequava ao sistema hierarquizado e fechado, mas atendia aos anseios de ambição imperial e propagação da fé cristã, significava dizer a busca da aventura e do estar no mundo. A viagem moderna possuía esse caráter, visto que era no ato de viajar que ela adquiria sentido.

Desta forma, as idéias de permanência e estabilidade das viagens medievais ou de peregrinação que tinham por finalidade encaminhar o viajante ao divino, ao maravilhoso vão sendo corroídas pela idéia de infinitude.

É neste contexto do “estar no mundo” em busca de disseminação da fé cristã ou a busca por “fortuna”, que está inserida a obra de Mendes Pinto. As terras do Novo Mundo não eram seu destino, mas sim as outras terras que faziam parte do Império português: a costa atlântica da África, a Abissínia ou Índia e a China.

A dualidade – fé e lucro – é observada ao longo do discurso e na montagem do mesmo, visto que, a transcrição segue o modelo dos historiadores da Antiguidade em que há uma obrigatoriedade da descrição factual dos acontecimentos e a prova testemunhal dada, principalmente, pela primazia do ver sobre o ouvir, ou seja, a narrativa é constituída de forma que os fatos sejam considerados verossímeis [3].

E é este testemunho que modificará o olhar do narrador, porquanto, sofre uma transformação interna através das viagens realizadas, quando através do outro – seja ele africano, indiano ou chinês – critica, indiretamente, a ação colonizadora portuguesa.

Neste sentido, A análise do relato de Mendes Pinto permitirá identificar as diferentes posições que o **eu** do narrador assume na construção do relato e como estas posições produzirão a imagem do “outro”, principalmente do “africano”, no caso da minha pesquisa, a partir das semelhanças e dissemelhanças.

Metodologia

Para nortear este projeto, a referência teórica diz respeito à aproximação entre os campos da História e da Literatura. Maurice Collis, citado por Costa Lima, diz que “*nenhum episódio pode ser completamente tomado como uma fonte direta para a história, mas o conjunto vivifica enormemente nossa apreensão da história*” [4]. Neste sentido, vamos entender a *Peregrinação* como uma viagem inserida no seu tempo e como uma viagem da própria linguagem. Dizer a alteridade é também enfrentar os limites do mesmo.

Conclusões

O estudo da obra de Mendes Pinto permite trabalhar com novas possibilidades tanto do gênero autobiográfico quanto do relato de viagem. Permite que se encontre o campo de experiência do “autor” como modificação de seu horizonte de expectativas através do encontro com outras formas de organização social e costumes diferentes dos do mundo cristão.

A próxima etapa desta pesquisa, sob a perspectiva da alteridade, será a tentativa de estabelecer a construção do(s) “africano(s)” no relato de Fernão Mendes Pinto considerando os embates entre aquilo que era esperado e o que foi experienciado e que devem aparecer no relato.

Referências

- 1 – PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Maia: Imprensa Nacional, 1988.
- 2 – KOYRÉ, Alexandre. **Estudos de História do Pensamento Científico**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, Forense Universitária, 1982.
- 3 – HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- 4 – LIMA, Luiz Costa. **O Redemunho do Horror: As margens do Ocidente**. Rio de Janeiro: